

## INTER-RELAÇÃO DA FALA E ESCRITA: ANÁLISE DOS DESVIOS FONOLÓGICOS E SEUS IMPACTOS NA ALFABETIZAÇÃO

BÁRBARA RATTO HOEWELL<sup>1</sup>; EDUARDA KASTER NEUTZLING<sup>2</sup>; VITÓRIA KASTER NEUTZLING<sup>3</sup> GILCEANE CAETANO PORTO<sup>4</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – barbararatto@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – kastereduarda1@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – kastervitoria@gmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – gilceanep@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta os primeiros achados de uma pesquisa que tem como objetivo discutir a conexão entre fala e escrita, um tema essencial na educação, especialmente durante o processo de alfabetização. A consciência fonológica, entendida por Soares (2020), como a habilidade de identificar e manipular unidades sonoras na linguagem, refletindo sobre os segmentos sonoros da fala, desempenhando um papel crucial no processo de alfabetização por desenvolver a capacidade de segmentar a cadeia sonora que constitui a palavra. Este trabalho explora a análise das testagens ABFW (Teste de Linguagem Infantil), Andrade et al. (2004), e a Avaliação de Consciência Fonológica desenvolvida pelos autores Seabra; Capovilla (2012), promovendo a compreensão da relação entre a fala e a escrita, destacando a importância da consciência fonológica na alfabetização. Ao relacionar as evidências dos testes com teorias pedagógicas, traça-se uma linha tênue entre as áreas da saúde e educação, Fonoaudiologia e Pedagogia, como correlacionadas e interdependentes, em coadjuvação recíproca.

O ABFW (Teste de Linguagem Infantil) é um instrumento de avaliação muito utilizado para analisar o desenvolvimento da linguagem infantil, compreendendo as quatro áreas principais: vocabulário, fluência, pragmática e fonologia. Neste caso, com foco na área da Fonologia, com as provas de imitação e nomeação, sua principal premissa é que a coleta de dados objetivos é crucial para um diagnóstico preciso de distúrbios da linguagem, sendo muito utilizado por profissionais da área da Fonoaudiologia. Esses dados não apenas garantem a consistência dos resultados nas avaliações iniciais e reavaliações, mas também facilitam a comunicação entre profissionais, pacientes e suas famílias, pois o teste fornece uma visão geral do desempenho em diversas áreas da linguagem. A Avaliação de Consciência Fonológica é um protocolo de Avaliação neuropsicológica cognitiva, que analisa por meio da linguagem oral, o desenvolvimento dos componentes da consciência fonológica.

### 2. METODOLOGIA

A abordagem da pesquisa é qualitativa e a metodologia adotada foi o estudo bibliográfico. De acordo com Severino (2007. p. 122) a pesquisa bibliográfica é:

[...] aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados

por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados.

Foi realizado um levantamento bibliográfico no *Scientific Electronic Library Online (Scielo)*, no qual foram buscados artigos sobre o tema pesquisado a partir dos seguintes descritores: (1) Avaliação psicológica; (2) Metalinguagem; (3) Alfabetização; (4) Fonologia. No banco de dados do Scielo, foram encontrados seis artigos referentes ao tema, quatro sobre alfabetização e fonologia e dois sobre metalinguagem, alfabetização e fonologia, sendo os quais foram analisados e explicitados no decorrer deste estudo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A relação entre a fala e a escrita também é defendida por Seabra e Capovilla (2012) por meio da aplicação de sua Avaliação de Consciência Fonológica. Os resultados da pesquisa realizada pelos autores, utilizando esse teste, indicam uma melhoria entre o desenvolvimento da consciência fonológica no Ensino Fundamental e o desempenho escolar (Capovilla et al., 2007). Avaliando crianças do 1º ao 4º ano, os autores observaram que o desempenho no Teste de Consciência Fonológica estava diretamente relacionado às notas escolares, com uma manifestação mais significativa nos anos iniciais, especialmente no 1º e 2º ano, fase crucial para a alfabetização. Os resultados expostos pelos autores reafirmam a ideia de que as crianças começam a aprender a ler aplicando regras de decodificação grafofonêmica, isto é, convertendo segmentos gráficos em sons (e fazendo o inverso na escrita), sendo parte do processo inicial de leitura, mas não o reduzindo a esta habilidade. Nesse estágio, conhecer as letras, possuir boa memória fonológica e, sobretudo, possuir consciência de que as palavras são formadas por sons e ser hábil em manipulá-los (enquanto converte letras em sons e os sintetiza para formar a palavra na leitura, por exemplo), ao que tudo indica, parece ser especialmente importante.

Morais (2019), em sua pesquisa sobre a consciência fonológica e seu papel na alfabetização, utiliza a Prova de Consciência Fonológica de Capovilla (1998), e instiga a fazermos a análise qualitativa do que está por trás dos erros e acertos das crianças, enaltecedo a importância do desenvolvimento das habilidades metafonológicas, com a capacidade de refletir sobre os segmentos orais e compreender sua relação com a representação escrita, ressaltando que o desenvolvimento da consciência fonológica não é resultado do contato com a notação escrita, podendo ser desenvolvido muito antes das crianças utilizarem letras para representar sons. O autor afirma a ideia de que a aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabetica não se reduz ao “conectar” letras aos sons da fala, mas defende o protagonismo da consciência fonológica no trabalho cognitivo de apropriação do SEA.

Os resultados da análise indicam que crianças com dificuldades em consciência fonológica frequentemente cometem erros de grafia, o que reflete suas dificuldades na escrita. Além disso, os casos de transtorno fonológico da fala podem prejudicar o processo de alfabetização, dificultando a apropriação cognitiva do Sistema de Escrita Alfabetica, e a apresentação de erros de grafia recorrentes. A testagem ABFW revela que os desvios fonológicos, como omissões e trocas de fonemas, estão presentes na fala das crianças e se manifestam na escrita. A análise da parte de Fonologia do ABFW pretende

realizar o diagnóstico do distúrbio fonológico, identificando a dificuldade do sujeito, que pode estar na percepção, na produção ou na organização das regras do sistema fonológico. Os resultados da avaliação desenvolvida por ANDRADE et al. (2004), permitem a identificação de processos fonológicos e na construção de um perfil global das habilidades de linguagem das crianças. Considerando a aplicação das provas de imitação e nomeação para avaliar a produção fonológica das crianças, a análise fonológica do teste toma por base os processos fonológicos a serem desenvolvidos pelas crianças falantes da Língua Portuguesa. Esses desvios fonológicos manifestam-se na linguagem oral, sendo observados através da fala, com o uso inadequado das regras fonológicas da língua, ocorrendo simplificações sistemáticas, denominadas de processos fonológicos. Soares (2020) ressalta que a habilidade de segmentar os sons da fala é crucial para a construção da escrita alfabética, uma vez que a escrita deve representar os sons ouvidos.

A Prova Fonológica da Testagem ABFW, tem por objetivo a testagem do sistema fonológico verificando o inventário fonético da criança, com as regras fonológicas utilizadas, incluindo os fonemas usados contrastivamente, sua distribuição, e ainda o tipo de estrutura silábica observada, conceitos que como anteriormente mencionado são considerados como base para escrita, sendo assim resultados abaixo do esperado neste protocolo justificam problemas e dificuldades no processo de alfabetização. Por meio da análise das respostas obtidas pela testagem, dos processos fonológicos demonstrados é possível verificar quais as dificuldades do sujeito, e quais regras fonológicas do Português está simplificando.

A pesquisa de Capovilla et al. (2007) sugere que a consciência fonêmica está diretamente ligada ao desempenho escolar nas séries iniciais, reforçando a ideia de que um sólido entendimento fonológico facilita a alfabetização. Em consonância, Ferreiro (1989) argumenta que a escrita é uma representação do oral, e que as crianças precisam entender essa relação para avançar no domínio da escrita. Portanto, as dificuldades na fala resultantes de desvios fonológicos podem comprometer a habilidade de escrever corretamente, assim como é exposto nos Protocolos anteriormente mencionados, o que mostra que as professoras alfabetizadoras devem dar a devida atenção para a fala de seus alunos, pois a escrita depende do desenvolvimento da habilidade cognitiva de fala, enaltecendo a importância dos estudos para aperfeiçoamento, e que aprendam a identificar quando os erros de grafia são resultados de problemas na linguagem oral, e saibam como lidar com estas questões com encaminhamento e contato com fonoaudiólogas, que realizem a avaliação da fala de seus alunos, constituindo esta troca entre áreas, desenvolvendo estratégias pedagógicas que contribuam para o avanço das crianças

#### 4. CONCLUSÕES

Este trabalho reafirma a importância da conexão entre fala e escrita no processo de alfabetização, destacando o papel central da consciência fonológica. A análise das testagens ABFW e das Avaliações de Consciência Fonológica revela que habilidades fonológicas são fundamentais para a correta apropriação do sistema de escrita alfabética. Como demonstrado, crianças com transtorno fonológico, com suas dificuldades na fala sendo refletidas em erros de grafia, evidenciando a necessidade de uma abordagem integrada entre saúde e educação.

A pesquisa sustenta que o desenvolvimento da consciência fonológica deve ser um foco constante nos primeiros anos de alfabetização, conforme sugerido por autores como Capovilla et al. (2007) e Soares (2020). A interdependência entre as áreas de Fonoaudiologia e Pedagogia evidencia a necessidade de aprofundamento de estudos sobre a relação entre elas, pois o progresso na linguagem oral influencia diretamente a linguagem escrita, e consequentemente o desempenho escolar. Portanto, é essencial que educadores(as) e fonoaudiólogos(as) trabalhem em conjunto para oferecer um suporte eficaz às crianças, garantindo que todas tenham oportunidade de desenvolver suas habilidades linguísticas de forma plena.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Claudia Regina Furquim et al. **ABFW- Teste de Linguagem Infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática.** Pró-Fono Departamento Editorial. Carapicuiba, 2004.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; et al. Consciência sintática no ensino fundamental: correlações com consciência fonológica, vocabulário, leitura e escrita. **Psico-USF**, São Francisco, v. 9, n. 1, p. 39-47, jan./jun. 2004.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; et al. Desenvolvimento dos componentes da consciência fonológica no Ensino Fundamental e correlação com nota escolar. **Psico-USF**, São Francisco, v. 12, n. 1, p. 55-64, jan./jun. 2007.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César. Prova de Consciência Fonológica: Desenvolvimento de dez habilidades da pré-escola à segunda série. **Temas sobre desenvolvimento**, São Paulo, v.7, n.37, p.14-20, 1998.

CAPOVILLA, Fernando César; SEABRA, Alessandra Gotuzo. Prova de Consciência Fonológica por escolha de Figuras. In: SEABRA, Alessandra Gotuzo; DIAS, Natália Martins. **Avaliação neuropsicológica cognitiva: linguagem oral.** São Paulo: Memnon, 2012. Cap. 16, p.155-197.

FERREIRO, Emilia. **A escrita antes das letras.** In: SINCLAIR, Hermine. A produção de notações na criança: linguagem, número, ritmos e melodias. São Paulo: Cortez, 1990.

MORAIS, Artur Gomes de. **Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SOARES, Magda. **Alfaletrar:** toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SEVERINO, Antônio J. Teria e Prática Científica. In: \_\_\_\_\_. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed.r.a. São Paulo: Cortez, 2007. p.117-126.